

EDITORIAL

No seu segundo número de 2017, dedicada a artigos de temas livres, a Contemporanea apresenta um conjunto de trabalhos dedicados à reflexão acerca de fenômenos da comunicação e da cultura contemporânea notadamente nas esferas das redes sociais, música, jornalismo e televisão.

Nesse sentido, os dois primeiros artigos que abrem a presente edição investigam, a partir de perspectivas distintivas, a configuração de mobilizações relativamente recentes nas redes sociais. Em *Não vai ter Copa: enquadramentos da mobilização no Facebook*, Prudencio e Kleina (UFPR) evidenciam para o leitor o papel das postagens da campanha contrária à realização da Copa do Mundo em 2014 no agendamento de temáticas paralelas ao evento. Já no artigo das pesquisadoras Renata Barreto Malta e Suyene Correia Santos (UFS), a análise do discurso é acionada como ferramenta para compreender de que modo a reportagem intitulada “Bela, recatada e ‘do lar’” (Revista Veja Online) acabou por pautar o debate sobre gênero no ambiente virtual. Por fim, arrematando o que pode ser considerado como um primeiro percurso delineado nessa edição, Jurno e D’Andréa (UFMG) colocam em questão a imparcialidade do algoritmo no *Facebook*, enquanto Nicolás (UNILA), Sampaio e Bragatto (UFPR) nos convidam a refletir sobre o formato das consultas públicas *online*, a partir da análise dos comentários que foram gerados na primeira etapa de consulta acerca da regulamentação do Marco Civil da Internet.

Os três artigos subsequentes, por sua vez, têm como foco de análise diferentes produtos e agentes do cenário musical. Enquanto Vargas (UMESC) e Carvalho (USCS) investigam a singularidade da banda *The Clash* no punk rock britânico, a partir da consideração do álbum *Sandinista!*, Ivan Bomfim (UNISINOS) busca compreender os limites culturais do rock gaúcho. No final dessa “trilogia”, Pereira e Pinto (UNIP) se propõem a lançar luz sobre agentes ainda pouco visíveis no campo da reflexão sobre a produção em audiovisual: os compositores de trilhas para filmes, animações, videogames, etc. Na sequência desses três artigos, mas não necessariamente tendo como foco principal da análise o universo musical, Denisia Souza Oliveira e Edgard Patrício (UFC) apresentam uma reportagem intelectual sustentada em bibliografia e metodologia acadêmicas sobre uma

personagem singular do cotidiano de uma cidade cearense, inspirada, simultaneamente, nas figuras de Raul Seixas e de Lampião.

Em “*Quando a crise faz o empreendedor*”: *desemprego e empreendedorismo no jornal O Estado de S. Paulo*, as autoras analisam o lugar de uma série de reportagens publicada em 2015 na promoção de modelos de conduta e subjetividades pautadas por uma cultura empreendedora neoliberal. Na sequência, mais dois artigos continuam a investigar aspectos vinculados às práticas jornalísticas: em *Jornalismo guiado por dados como inovação profissional e seus desafios para a educação*, Träsel e Mielniczuk (UFRGS) investigam experiências de ensino voltadas para a profissionalização de jornalistas em JGD, enquanto Robson Dias (UCB) questiona o condicionamento das pautas jornalísticas pelas premiações destinadas ao setor.

Os dois artigos seguintes conformam o último movimento da presente edição, ao se voltarem para o universo televisivo. Em *A produção da vítima na tv: o apelo à compaixão e a exemplaridade dos sofrendores*, o interesse se vê centrado na análise comparativa da construção da vítima em produtos teleficcionais e telejornalísticos; já no artigo de Simone Maria Rocha (UFMG), dedicado à telenovela *Duas Caras*, o foco da autora é a discussão sobre como a análise televisual pode contribuir para a compreensão e conformação das matrizes culturais latino-americanas. Nossa segunda edição finalmente se encerra com o artigo de José Messias (UFF), no qual o autor apresenta um estudo sobre servidores privados no universo dos jogos online, com o objetivo de compreender as principais estratégias e objetos mobilizados nestes ambientes, seguida da resenha de Bruno Washington Nichols e Pedro Chapaval Pimentel (UFPR) a respeito do livro de Luciana Panke, *Campanhas eleitorais para mulheres: desafios e tendências* (Ed. UFPR, 2016).

Boa leitura!

Comitê editorial